

A filosofia cosmopolita de Immanuel Kant

[The cosmopolitan philosophy of Immanuel Kant]

Diego Carlos Zanella*

Centro Universitário Franciscano (Santa Maria, RS, Brasil)

O fato de Immanuel Kant¹ ter vivido entre os anos de 1724 e 1804 – durante o período do esclarecimento alemão – não figura como a principal característica de seu pensamento cosmopolita, mas sim, que essa época foi uma época de revoluções e da formação das nações europeias. Entretanto, não é possível falar sobre o cosmopolitismo kantiano – como um todo – mencionando única e exclusivamente a versão política e final de tal teoria. Essa versão depende, em boa medida, de um conhecimento mundano, isto é, de uma perspectiva do conhecimento do mundo como parte constitutiva do cosmopolitismo. Essa perspectiva pode ser encontrada em vários momentos do filosofar kantiano, mas, sobretudo, nas reflexões sobre a geografia e sobre a antropologia. Em *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, Kant lista as características de sua própria cidade – *Königsberg* – e, ao mesmo tempo, de seu estilo de vida.

Uma grande cidade, o centro de um reino no qual se encontram os órgãos estatais do governo, que possui uma universidade (para a cultura das ciências) e ainda uma posição ao comércio marítimo, que através dos rios favorece o transito tanto do interior do país como também com países vizinhos e distantes de diversas línguas e costumes, – tal cidade, como *Königsberg* às margens do rio Pregel, já pode ser nomeada por um lugar adequado para a ampliação do conhecimento tanto do ser humano quanto do mundo, onde esse pode ser adquirido mesmo sem se viajar. (*Anth*, 07: 120-121, nota)

Atualmente, sabe-se que *Königsberg* não existe mais. Ou melhor, a *Königsberg* da época de Kant não existe mais. Ela foi completamente

* Email: diego.zanella@gmail.com

¹ As obras de Immanuel Kant serão citadas conforme a edição da *Akademie Ausgabe* e abreviada como segue: AA: *Akademie Ausgabe* [edição da academia]; Geo: *Physische Geographie* [Geografia física]; Anth: *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* [Antropologia de um ponto de vista pragmático]; Brief: *Briefwechsel* [correspondência]; Päd: *Über Pädagogik* [Sobre a pedagogia]; KrV: *Kritik der reinen Vernunft* [Crítica da razão pura]; OP: *Opus Postumum* [obra póstuma]; Idee: *Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht* [Ideia de uma história universal em perspectiva cosmopolita]; Log: *Logik* [Lógica].

destruída durante os bombardeios aéreos (em 1945) da segunda Guerra Mundial. Hoje, ela se chama Kaliningrad e pertence ao território russo, pois foi reconstruída e repovoada pela Rússia após o término da segunda Guerra Mundial. Em 1946, ela recebeu esse novo nome em homenagem a Mikhail Kalinin (1875-1946), um dos bolcheviques. Por isso, “*a montanha do rei*” é hoje apenas um traço na memória do mundo, um verbete na história dos nomes das velhas cidades que transitam pelas ruínas de reinos e impérios.² Mas, apesar disso, *Königsberg* tinha outro significado para o seu cidadão mais ilustre, a saber, Immanuel Kant. Como ele mesmo mencionou em sua própria obra, como citado acima, *Königsberg* tinha as condições necessárias para a obtenção do conhecimento do mundo.

Na condição de uma cidade portuária e com facilidade para o comércio marítimo, como informava Kant, *Königsberg* ainda tinha os órgãos administrativos do governo e uma universidade. A circulação de estrangeiros e o contato com diferentes idiomas e costumes formava uma cultura cosmopolita na cidade de Kant. Elementos, que segundo ele, eram necessários para a formação dessa cultura e também para a obtenção do conhecimento do mundo. Pois, o mundo é, para Kant, o todo, “o cenário, no qual nós faremos todas as experiências” (*Geo*, 09: 158).³ No entanto, a aquisição do conhecimento desse todo “exige muito tempo se essa finalidade deve ser alcançada” (*Geo*, 09: 158).⁴ Em contraposição a isso, Kant afirmava que

nós deveríamos nos ocupar provavelmente com a nossa própria experiência, porque ela não chega a conhecer tudo, enquanto o homem experimenta apenas uma pequena parte, no que se refere ao tempo, já no que se refere ao espaço, ele pode experimentar pouco, mesmo quando ele viaja, no entanto, ele não é capaz de observar e de perceber tudo, embora possa ver muito: portanto, nós devemos também nos servir das importantes experiências dos outros. Essas experiências, entretanto, devem ser autênticas e como tal são preferidas as experiências registradas por escrito às expressas oralmente. (*Geo*, 09: 159)⁵

² Sobre a história da cidade de Königsberg, veja-se: Manthey (2005).

³ “der Schauplatz, auf dem wir alle Erfahrungen anstellen werden”.

⁴ “erfordert aber, wenn dieser Endzweck soll erreicht werden, viele Zeit”.

⁵ “Wir sollten uns wohl nur mit unserer eignen Erfahrung beschäftigen, weil diese aber nicht hinreicht, alles zu erkennen, indem der Mensch in Ansehung der Zeit nur einen kleinen Theil derselben durchlebt, also darin wenig selbst erfahren kann, in Hinsicht auf den Raum aber, wenn er gleich reist, vieles doch nicht selbst zu beobachten und wahrzunehmen im Stande ist: so müssen wir uns denn auch nothwendig fremder Erfahrungen bedienen. Diese müssen indeß zuverlässig sein, und als solche sind schriftlich verzeichnete Erfahrungen den bloß mündlich geäußerten vorzuziehen”.

De certo modo, e entre outras coisas, encontra-se nessas passagens a justificativa de Kant para o seu próprio “sedentarismo”.⁶ Assim, o seu sossegado estilo de vida não pode ser qualificado como algum tipo de sedentarismo filosófico, pois a universalidade e a abrangência dos temas que a sua própria filosofia possui é uma prova cabal contra qualquer tipo de sedentarismo filosófico. E a partir daqui, se torna cada vez mais difícil encontrar uma denominação para tal tipo de sedentarismo, se é que é necessário denominá-lo. Assim, o que se pode dizer, é que tal estilo de vida – sossegado – permitiu que Kant desenvolvesse uma filosofia cosmopolita como conhecimento do mundo.⁷

Desse modo, “as experiências da *natureza* e do *homem* constituem juntas o *conhecimento do mundo*” (*Geo*, 09: 157).⁸ Assim, como esse tema é apresentado por Kant na introdução de sua *Geografia Física*, o conhecimento do mundo é composto por duas partes: a natureza e o homem. “O mundo, como objeto do *sentido externo* é a **natureza**, mas, como objeto do *sentido interno* é a **alma** ou o **homem**” (*Geo*, 09: 156).⁹ Por isso, a geografia se ocupa com a primeira parte e a antropologia com a segunda parte do conhecimento do mundo. Juntas, elas – a geografia e a antropologia – formam o conhecimento pragmático do mundo.¹⁰ Pragmático é entendido aqui como um conhecimento útil para a vida. “Esse conhecimento do mundo é o conhecimento do mundo que serve para proporcionar o pragmático a todas as outras ciências e habilidades adquiridas, de modo que ele não seja utilizável somente para a escola, mas para a vida” (AA 02: 443).¹¹

⁶ É sabido que Kant provavelmente nunca viajou mais do que 10 milhas distantes de sua cidade natal (ver: Kuehn, 2001, p. 218 s.). Ou ainda a carta endereçada a Markus Herz, de abril de 1778, na qual Kant alega que os problemas de saúde impossibilitavam a viagem (cf. *Brief*, 20: 231).

⁷ “Um diesen Ruhm zu verdienen, ist Kant Weltbürger in einem zweiten Sinn: Dank einer intellektuellen Neugier auf so gut wie den ganzen Kosmos, auf die natürliche, die psychische, die soziale und die politische Welt einschließlich historischer Anteile, erwirbt er sich eine so breite Weltkenntnis, dass sie kosmopolitisch heißen darf: Kant wird zu einem Weltbürger *im Wissen*” (Höffe, 2007, p. 179).

⁸ “Die Erfahrungen der *Natur* und des *Menschen* machen zusammen die *Weltkenntnisse* aus”.

⁹ “Die Welt, als *Gegenstand des äußern Sinnes*, ist **Natur**, als *Gegenstand des innern Sinnes* aber, **Seele** oder der **Mensch**”.

¹⁰ A investigação sobre a relação entre a geografia e a antropologia requer a investigação das ciências empíricas na filosofia de Kant. Eu não gostaria de me comprometer com esse estudo, porque isso desviaria o interesse principal do texto. Sobre a condição das pesquisas sobre as ciências naturais em Kant, vale aqui a opinião de Höffe: “Und vor allem hat er mit seiner Naturforschung heute nur noch historische, mit seiner Natur- und Forschungsphilosophie dagegen auch systematische Bedeutung” (Höffe, 2004, p. 22). Sobre a relação entre a geografia e a antropologia, veja-se ainda: May (1970, p. 107 ss.).

¹¹ “Diese Weltkenntniß ist es, welche dazu dient, allen sonst erworbenen Wissenschaften und Geschicklichkeiten das Pragmatische zu verschaffen, dadurch sie nicht bloß für die Schule, sondern für das Leben brauchbar werden”.

O conceito de pragmático oferece uma importante chave de leitura para se compreender a filosofia cosmopolita de Kant, a saber, a perspectiva do conhecimento do mundo que o cidadão do mundo deve ter. Desse modo, como um sujeito que já possui um conhecimento “prévio” do mundo, ele “é introduzido no cenário de seu destino, a saber, no mundo” (AA 02: 443).¹² Para Kant, o conhecimento do mundo deveria ser parte integral da vida moral e política do cidadão. A dimensão pragmática desses cursos – geografia e antropologia – era um dos motivos pelos quais Kant os ensinava, pois esses cursos forneciam para o aprendiz um tipo de conhecimento capaz de guiá-lo em sua vida moral e prática (cf. Wilson, 2006, p. 87 ss.). Desse modo, os cursos de leituras sobre a geografia e a antropologia tinham uma proficuidade bastante similar, pois serviam como meios para a obtenção do conhecimento do mundo.

A primeira aula científica se refere mais proveitosamente à geografia, tanto à geografia matemática quanto à geografia física. Histórias de viagem explicadas por ilustrações e mapas conduzem, portanto, à geografia política. Da condição atual da superfície da terra se pode ir, então, de volta à antiga, se chega à antiga descrição da terra, à história antiga, e assim por diante (*Päd*, 09: 474).

A geografia tinha, para Kant, uma função pedagógica importante, pois ela apresentava uma possibilidade de formar e preparar o cidadão para a vida no mundo (cf. May, 1970, p. 132 ss.; Munzel, 1999, p. 307 ss.). A verdadeira ideia da educação visava o desenvolvimento de todas as predisposições naturais dos seres humanos, de modo que a genuína tarefa da educação era proporcionar o desenvolvimento completo de tais predisposições. “Há muitos germes na humanidade e agora é nossa tarefa desenvolver as predisposições naturais proporcionalmente, desenvolver a humanidade a partir dos seus germes e fazer com que o homem alcance o seu destino” (*Päd*, 09: 445). Desse modo, Kant visava alcançar outros objetivos com as suas lições de geografia e antropologia, pois ele não estava somente interessado no aprendizado de competências técnicas, mas queria também que os seus estudantes fossem capazes de aplicar tais conhecimentos em suas vidas diárias. Assim, ele visava uma formação mais eficaz, de modo que os seus estudantes também fossem capazes de desenvolver uma participação política efetiva em suas vidas diárias, isto é, uma atitude necessária para a mudança política.

A educação, tal como proposta por Kant, possuía um papel importante tanto na formação moral dos indivíduos quanto na formação

¹² “und wodurch der fertig gewordene Lehrling auf den Schauplatz seiner Bestimmung, nämlich in die Welt, eingeführt wird”.

social dos mesmos, pois esse aprendizado poderia contribuir positivamente no processo da realização de uma ordem mundial cosmopolita e da consequente obtenção da paz. Nesse sentido, Kant visava uma educação que fosse capaz de formar integralmente ‘bons cidadãos’, isto é, pessoas que não infringem a lei. Entretanto, não era somente isso o que Kant desejava. ‘Boas leis’ também podem produzir ‘bons cidadãos’, mas ‘boas leis’, não obstante, não são capazes de produzir participação política efetiva.

O aprendizado é, por assim dizer, um dos temas mais enigmáticos da filosofia kantiana. O filósofo da *Crítica da razão pura* é, por vezes, visto eminentemente como sendo apenas um filósofo, e, por isso, acaba-se esquecendo de que ele também foi professor, ou seja, que de certo modo, também pensou o aprendizado. Prova disso, é que ele lecionou durante 41 anos, entre 1755 e 1796. Isso também pode ser comprovado pelo grande número de cursos que Kant lecionou na Universidade de Königsberg durante a sua atividade docente. Nesse período, foram dedicados 56 cursos à lógica, 53 à metafísica – cursos, para os quais Kant era o professor titular – 49 à geografia física, 28 à moral, 24 à antropologia, 21 à física, 15 à matemática, 12 ao direito, 10 aos temas enciclopédicos, 4 à teologia, 4 à pedagogia, 2 à mecânica, e 1 à mineralogia.¹³

A quantidade de cursos e a variedade dos temas tratados nesses cursos revelam não somente o Kant-filósofo, também, o Kant-cosmopolita, o Kant-cidadão do mundo, mas, acima de tudo, esses cursos revelam o Kant-professor, o Kant que se preocupava com a forma e a maneira do aprendizado, o Kant que não se preocupava apenas com o saber acadêmico – escolar – como um corpo sistemático de conhecimentos, mas sim, o Kant que se preocupava eminentemente com um saber “útil” – mundano, pode-se inclusive dizer, cosmopolita – para a vida prática do dia-a-dia.

¹³ Essas informações foram obtidas, em parte, no Website *Kant in the Classroom*, organizado e administrado por Steve Naragon (Manchester College) (<<http://www.manchester.edu/kant/Home/index.htm>>). Há, no entanto, desacordo sobre a frequência com que Kant oferecia as suas preleções na Universidade de Königsberg. J. A. May afirma que Kant lecionou 54 vezes o curso de lógica e de metafísica, e 49 vezes o curso de geografia física (cf. May, 1970, p. 4). K. Hoheisel argumenta que Kant ensinou, durante 82 semestres, 54 vezes lógica, 49 vezes metafísica e 47 vezes geografia física (cf. Hoheisel, 1979, p. 263). O editor do texto *Kants physische Geographie*, no volume 9 da *Akademie Textausgabe*, afirma que Kant ensinou 48 vezes geografia física (cf. AA 09: 509-510). Também há divergências sobre início e o término da vida docente de Kant, enquanto que uns afirmam que ele iniciou a sua vida docente em 1755 e a concluiu em 1796, há outros que afirmam que ele a tenha iniciado em 1756 e a tenha encerrado em 1797. Outras informações importantes sobre a vida docente de Kant, veja-se: Kuehn (2001, p. 123-138, 240-254, 532) e o capítulo – “Kant e o ensino da filosofia” – em: Dos Santos, 1994a, p. 177.

De um professor, portanto, é esperado que ele forme nos seus ouvintes, primeiro, o homem *sensato*, então, o homem *racional*, e, finalmente, o *erudito*. Tal procedimento tem a vantagem que, quando o aprendiz não consegue atingir o último grau, como ocorre comumente, ele ganhou, contudo, através da instrução [o conhecimento] e se tornou mais treinado e inteligente, se não para a escola, pelo menos para a vida (AA II, 305-306).¹⁴

Era assim que o Kant-filósofo via e encarava a sua prática docente, como ele mesmo informava já no início de sua carreira docente, nas *Notícias da organização de suas preleções no semestre de inverno de 1765-1766*. A educação, ou melhor, a instrução dos aprendizes deveria possuir um caráter essencialmente prático, isto é, pragmático. Pragmático deve ser entendido aqui como um tipo de conhecimento que é útil para a vida, não somente para a escola. Com isso, Kant almejava uma formação mais ampla dos seus estudantes, pois ele também queria que eles fossem bons cidadãos, que tivessem uma participação ativa na vida social, enfim, que se tornassem pessoas esclarecidas. Esse era o objetivo básico de Kant e é também o que eu entendo por “homem sensato”. É grande a quantidade de adjetivos que se pode usar na tradução do termo “*verständig*”: “prudente”, “sensível”, “moderado”, “sábio”, “sagaz”, “judicioso”, entre outros tantos. Como verbo, por exemplo, “*verständigen*” significa: “avisar”, “noticiar”, “aconselhar”, “informar”. Todas essas acepções da palavra se referem a um primeiro nível do conhecimento, isto é, o conhecimento daquelas coisas que são básicas para a vida do dia-a-dia, para um bom convívio com as outras pessoas, enfim, um conhecimento útil à vida diária. Desse modo, o jovem que completou a sua instrução escolar básica está, a partir de agora, habilitado para progredir no vasto campo dos conhecimentos. Isto é, possui as condições básicas para discernir sobre os rumos de sua própria vida, sobre o que é bom e sobre o que é ruim, sobre as decisões políticas de sua própria comunidade, entre outros temas.

A regra da conduta, portanto, é essa: antes de tudo, amadurecer o entendimento e acelerar o seu crescimento, enquanto se o exercita nos juízos da experiência e se o torna atento ao que podem lhe ensinar as sensações comparadas de seus sentidos. (AA 02: 306)¹⁵

¹⁴ “Von einem Lehrer wird also erwartet, daß er an seinem Zuhörer erstlich den *verständigen*, dann den *vernünftigen* Mann und endlich den *Gelehrten* bilde. Ein solches Verfahren hat den Vortheil, daß, wenn der Lehrling gleich niemals zu der letzten Stufe gelangen sollte, wie es gemeinlich geschieht, er dennoch durch die Unterweisung gewonnen hat und, wo nicht für die Schule, doch für das Leben geübt und klüger geworden”.

¹⁵ “Die Regel des Verhaltens also ist diese: zuvörderst den Verstand zu zeitigen und seinen Wachstum zu beschleunigen, indem man ihn in Erfahrungsurtheilen übt und auf dasjenige achtsam macht, was ihm die verglichene Empfindungen seiner Sinne lehren können”.

Assim, pode-se oferecer aos estudantes uma grande quantidade de informações e sobre os tópicos mais variados e diversificados como um exercício propedêutico, preparatório ao ato de racionar. Talvez tenha sido esse o motivo que levou Kant a lecionar uma variedade tão grande de assuntos, pois ele queria instigar nos seus estudantes o próprio uso da razão, ao invés de eles aprenderem o conhecimento como se fosse um sistema de informações previamente estabelecido. Mas, no entanto, tudo isso deve ser ensinado com uma ressalva:

Desses juízos ou conceitos, ele [o estudante] não deve empreender nenhum salto ousado aos [conceitos] mais altos e distantes, mas ele deve chegar lá através do caminho natural e trilhado dos conceitos inferiores que o conduzem gradualmente à frente; mas, tudo isso segundo aquela capacidade do entendimento que o exercício anterior deve ter necessariamente produzido nele, e não segundo aquela que o professor percebe ou acredita perceber em si mesmo, e que ele também falsamente pressupõe nos seus ouvintes. Em resumo: ele não deve ensinar *pensamentos*, mas a *pensar*; não se deve *carregá-lo*, mas *conduzi-lo*, caso se queira que ele seja hábil para avançar por si mesmo no futuro. (AA 02: 306)¹⁶

Reside nessa passagem, datada do semestre de inverno de 1765-1766, a essência de toda a filosofia kantiana, ou melhor, do ato do filosofar. Recorda-se aqui, por exemplo, do conceito cosmopolita da filosofia que apresenta ela mesma – a filosofia – como “a ciência da relação de todo o conhecimento aos fins essenciais da razão humana (*teleologia rationis humanae*)” (*KrV*, B 867). O professor, nesse sentido, diga-se, o professor-filósofo, é o grande instigador, promotor do conhecimento. O conhecimento não é visto aqui como algo possuído, como se estivesse contido em um único livro e uma vez que em posse dele, tenha-se todo o conhecimento. O conhecimento é muito mais amplo do que aquilo que um único livro pode conter, e, provavelmente, um indivíduo não pode conhecer tudo no seu curto período de vida.¹⁷

¹⁶ “Von diesen Urtheilen oder Begriffen soll er zu den höheren und entlegnern keinen kühnen Schwung unternehmen, sondern dahin durch den natürlichen und gebähnten Fußsteig der niedrigeren Begriffe gelangen, die ihn allgemach weiter führen; alles aber derjenigen Verstandesfähigkeit gemäß, welche die vorhergehende Übung in ihm nothwendig hat hervorbringen müssen, und nicht nach derjenigen, die der Lehrer an sich selbst wahrnimmt, oder wahrzunehmen glaubt, und die er auch bei seinem Zuhörer fälschlich voraussetzt. Kurz, er soll nicht *Gedanken*, sondern *denken* lernen; man soll ihn nicht *tragen*, sondern *leiten*, wenn man will, daß er in Zukunft von sich selbst zu gehen geschickt sein soll”.

¹⁷ Veja-se algumas reflexões de Kant sobre esse ponto na introdução da *Geografia física*. “Wir sollten uns wohl nur mit unserer eignen Erfahrung beschäftigen, weil diese aber nicht hinreicht, alles zu erkennen, indem der Mensch in Ansehung der Zeit nur einen kleinen Theil derselben durchlebt, also darin wenig selbst erfahren kann, in Hinsicht auf den Raum aber, wenn er gleich reist, vieles doch nicht selbst zu beobachten und wahrzunehmen im Stande ist: so müssen wir uns denn auch nothwendig fremder Erfahrungen bedienen. Diese müssen indeß zuverlässig sein, und

Um indivíduo, enquanto aprendiz, deve ser instigado ao conhecimento, deve ser guiado a ele, para que mediante os vários exercícios preparatórios, ele possa desenvolver a capacidade de pensar, para que possa aprender através disso a observar as diferentes gradações que um objeto ou uma teoria pode ter. “Isto é, a essência do ensino da filosofia é verdadeiramente a preparação ao filosofar, a iniciação no filosofar, e não, a mera coleção cronológica ou temática de filosofemas estranhos” (Barata Moura, 2007, p. 140). Desse modo, o aprendizado deve ser livre para que ele possa produzir no aprendiz a sua própria capacidade de discernimento.

É por isso também que Kant afirmava na *Crítica da razão pura*, que a própria filosofia não pode ser aprendida.

Até então, não se pode aprender nenhuma filosofia; pois, onde ela está? Quem a possui? E, pelo que se pode reconhecê-la? Se pode apenas aprender a filosofar, isto é, exercitar o talento da razão na observância dos seus princípios universais em certas tentativas já existentes, mas sempre com a reserva do direito da razão para investigar, comprovar ou rejeitar ela mesma esses mesmos princípios nas suas fontes. (*KrV*, B 866)

Ou seja, a filosofia de acordo com a sua significação cosmopolita – como doutrina da sabedoria – não está dada, não está escrita. Ela deve, no entanto, ser progressivamente construída através do próprio uso da razão. É por isso que aprender a filosofar não significa aprender um conhecimento já estruturado, já acabado e muitas vezes apresentado na forma de um único livro. Se aprender a filosofar significasse isso, então, se ensinaria aos estudantes uma maneira como eles podem ingressar em um sistema filosófico, e a partir de tais princípios, filosofar. Se a filosofia estivesse realmente disponível em tal livro e se ela fosse universalmente aceita, não se poderia dizer daquele que possui tal conhecimento que ele é um filósofo, pois o conhecimento que ele possui é apenas um conhecimento de tipo histórico.¹⁸ Mas, para Kant, isso não significava filosofar, pois se faria uso dos mesmos princípios já estabelecidos, e, além do mais, não se estaria observando o “direito da razão para investigar, comprovar ou rejeitar ela mesma esses mesmos princípios nas suas fontes” (cf. *KrV*, B 866).

Aprender a filosofar significa, portanto, fazer um uso de sua própria razão de modo que se possa interpretar (investigar, comprovar ou

als solche sind schriftlich verzeichnete Erfahrungen den bloß mündlich geäußerten vorzuziehen” (*Geo*, 09: 159; § 3).

¹⁸ Cf. Barata-Moura (2007, p. 141). Para Kant, o conhecimento filosófico é de tipo racional, assim como o matemático, mas se difere desse, pois ele é um conhecimento por conceitos, enquanto que o conhecimento matemático é um conhecimento pela construção de conceitos. Sobre a divisão dos tipos de conhecimentos, veja-se: Höffe (1998; e 2004, p. 306).

rejeitar) um problema a partir de diferentes perspectivas, ou seja, “a verdadeira filosofia significa, portanto, o acompanhamento da diversidade e da variedade de um objeto através do tempo” (*Geo*, 09: 162).¹⁹ O filosofar possui, assim, uma dimensão temporal, pois ele se constitui no tempo. Ele precisa considerar as nuances sofridas por um determinado objeto, em uma determinada época, em uma determinada cultura, em um determinado povo, etc. O filosofar também possui outra dimensão que pode ser definida como mundana, porque a posição do homem no mundo é sempre uma posição a partir do mundo (cf. Rossi, 2005, p. 19 ss. e 41 ss.). Caso se tenha como base os textos sobre a antropologia e sobre a geografia, percebe-se que a dimensão cosmopolita do homem, ou seja, a dimensão que define o homem como cidadão do mundo não pode ser separada daquilo que a constitui, isto é, dos conhecimentos antropológicos e geográficos.

A filosofia, portanto, não é um tipo de conhecimento que se possui. Na verdade, a filosofia é um tipo de impulso para o conhecimento, o que condiz com a posição do homem no mundo (cf. Dos Santos, 1994a, p. 190). A filosofia também não pode ser traduzida como certa sabedoria mundana, pois ela não é meramente isso. A filosofia, segundo a compreensão de Kant, possui um significado muito mais próximo ao conceito grego de filosofia. Ela significa, portanto, amor à sabedoria.²⁰ E, por conseguinte, o filósofo somente pode ser aquele que ama a sabedoria ou aquele que é amigo dela.

O conceito kantiano de filosofia é aparentemente um dos conceitos que tem recebido pouca atenção por parte dos estudiosos da filosofia de Kant. Isso talvez se deva ao fato de que a maioria dos textos que comentam a filosofia de Kant não traz como título: “o conceito de filosofia em Kant”, mas sim, na grande maioria dos casos, a obra é um comentário à primeira *Crítica*. Então, a seção sobre o conceito de filosofia fica “escondida” entre os capítulos do livro, que em se tratando da *Crítica da razão pura* recebem maior atenção²¹ em contraposição ao

¹⁹ “Die wahre Philosophie aber ist es, die Verschiedenheit und Mannigfaltigkeit einer Sache durch alle Zeiten zu verfolgen”.

²⁰ “Weltweisheit ist auch kein dem der Philosophie angemessenes Übersetzungswort. Liebe der Weisheit wäre dem Begriffe mehr angemessen” (*OP*, 21: 140).

²¹ Aqui também poderia ser mencionado o interesse dos pesquisadores sobre a *Crítica da razão pura*. Aqui novamente, a maioria das obras versa sobre a teoria do entendimento, da razão, sobre a analítica transcendental e a dialética transcendental ou mesmo sobre a unidade sistemática da primeira *Crítica*. Desse modo, o conceito de filosofia é deixado de lado ou ocupa uma seção menor no corpo dessas obras. Isso talvez possa ser visto como uma herança deixada pelo próprio Kant, pois ele mesmo apresentou tal conceito no final de sua própria obra. Sobre alguns textos que abordam o tema do conceito kantiano de filosofia, porém, não o possuem como objetivo, veja-se: Höffe (1998, p. 617 ss.; 2004, p. 310 ss.); Marty (2004, p. 53 ss.), Chevenal (2002, p. 423 ss.).

conceito de filosofia ou ainda mesmo em contraposição aos temas abordados na parte final da primeira *Crítica*, temas que são, sem dúvida, essencialmente importantes à compreensão do desenvolvimento da subsequente filosofia. No entanto, o conceito de filosofia tem uma função central no desenvolvimento da filosofia crítico-transcendental. À sua precisa compreensão está ligado o desenvolvimento da filosofia prática como um todo.

A *Crítica da razão pura* é o lugar mais famoso onde Kant apresentou a definição de tal conceito. Ali, Kant definiu o conceito de filosofia como “a ciência da relação de todo o conhecimento aos fins essenciais da razão humana” (*KrV*, B 867). Essa é, sem dúvida, a definição da filosofia em sentido cósmico (*Weltbegriff*). A essa definição se contrapõe o sentido escolar de tal conceito (*Schulbegriff*). De acordo com essa segunda definição, a filosofia é entendida como o “sistema do conhecimento que apenas é procurado como ciência sem algo mais do que a unidade sistemática desse saber para ter por fim, portanto, a perfeição *lógica* do conhecimento” (*KrV*, B 866).

No entanto, toda essa discussão não inicia com a definição da filosofia em significação cosmopolita, mas sim com o significado do filosofar. Ou melhor, a filosofia compreendida em seu significado cósmico (cosmopolita) é propriamente o que Kant chama de ‘aprender a filosofar’. Pois, para ele somente é possível aprender a filosofar e não a filosofia.²² Nesse sentido, há uma estrita relação entre o aprendizado do filosofar e a significação cosmopolita da filosofia, assim como também há uma estrita relação entre o aprendizado da filosofia e a significação escolar da filosofia. É exatamente nessa contraposição – aprender a filosofar e não a filosofia – que Kant via o significado cosmopolita da filosofia, o que ele nomeou de “*conceptus cosmicus*” (*KrV*, B 866) na primeira *Crítica*; em “significação cosmopolita” (*Log*, 11: 25) nas lições sobre lógica editadas por Jäsche; e “*in sensu cosmopolitico*” (AA 28: 532) nas lições sobre Metafísica anotadas por Pölitz. Assim, o conceito de mundo – *Weltbegriff* – da filosofia denomina-se “aqui aquilo que diz respeito ao que necessariamente interessa a todos” (*KrV*, B 868 nota). Uma vez que a filosofia cosmopolita se refere ‘ao que necessariamente interessa a todos’, então, ela tem que ter por objetivo a tentativa de

Mohr (1998, p. 372 s.); como exceções, menciono aqui o clássico comentário e descoberta de Henrich (1966, p. 40 ss.) e o comentário e tradução de algumas passagens da obra kantiana sobre o conceito de filosofia por Barata-Moura (2007).

²² Deve ser observado que o aprendizado da filosofia não é completamente impossível para Kant, pois como ele mesmo o esclarece ao afirmar que ele seria, então, histórico: “es sei denn historisch” (*KrV*, B 865).

chegar à clareza sobre os objetivos essenciais para os quais a vida humana está organizada. Com isso, não se está afirmando apenas a vida individual da humanidade, mas na verdade, o que está em vista é uma dimensão social e isso pode ser mostrado pela afirmação de Kant que “o homem está, através de sua razão, destinado a estar em uma sociedade com homens e nela se *cultivar*, se *civilizar* e se *moralizar* através da arte e das ciências” (*Anth*, 07: 324). Isso é exatamente o que Kant chamou de uma cultura moral.²³ No entanto, é necessário perguntar, quais são os fins essenciais que deveriam necessariamente interessar a todos? Como o conceito de mundo da filosofia de Kant deixa-se precisamente determinar, o que é evidentemente apenas uma explicação do seu próprio conceito de filosofia?

A precisa definição do que é a filosofia para Kant não se deixa encontrar facilmente. Prova disso, é que na *Crítica da razão pura* não se encontra a expressão: ‘a filosofia é...’ (*Die Philosophie ist...*), o que permitiria afirmar que essa poderia ser uma precisa definição do que Kant entendia por filosofia. No entanto, o que se encontra na primeira *Crítica* é muito mais o desenvolvimento da compreensão kantiana da filosofia. Ali, Kant entende que a filosofia é o sistema de todo o conhecimento filosófico (cf. *KrV*, B 866). Essa definição, no entanto, recorda apenas o sentido de uma das definições de filosofia, a saber, o seu significado escolar. Como se sabe, Kant apresentou duas definições de filosofia. Essa diferenciação, entretanto, incide sobre a forma com a qual Kant definiu os seus dois conceitos de filosofia. De acordo com o significado escolar da filosofia, a ideia de sistema é necessária para que se possa pensar uma relação entre o todo e as partes que são organizadas através do conceito de um fim racional. Tal organização proporciona uma unidade possível – mesmo que lógica – das partes em um todo.²⁴ Nesse sentido, Kant argumentava que “duas partes pertencem à filosofia de acordo com o seu conceito escolar: primeiro, um estoque suficiente de conhecimentos racionais; segundo, uma relação sistemática desses conhecimentos ou uma ligação dos mesmos na ideia de um todo” (*Log*, 09: 24).²⁵

²³ Veja-se, por exemplo, a reflexão sobre a cultura de Barata-Moura (2007, p. 156 s.).

²⁴ Neste texto, eu não pretendo discutir, por exemplo, o que significa para Kant a ideia de sistema, de arquitetônica da razão pura ou história da razão pura. Sobre isso, veja-se: Manchester (2003 e 2008), Höffe (1998), o quarto capítulo – “The history of philosophy and its architectonic” – em Yovel (1980), e o terceiro capítulo – “Da arquitetônica da razão à razão arquitetônica” – em Dos Santos (1994b).

²⁵ “Zur Philosophie nach dem Schulbegriffe gehören zwei Stücke: Erstlich ein zureichender Vorrath von Vernunftkenntnissen, für's andre: ein systematischer Zusammenhang dieser Erkenntnisse oder eine Verbindung derselben in der Idee eines Ganzen”.

O conceito escolar da filosofia implica, portanto, em uma diversidade de conhecimentos que tem que ser sistematizada segundo a ideia de um todo. A razão demarca, contudo, um campo de atuação previamente determinado de acordo com a área de jurisdição (teórica, prática, etc.) em que atuará. Nesse sentido, uma finalidade organiza a sistematização desses conhecimentos que, em última instância, confundem-se com a própria atividade racional para criar uma ligação sistemática de tais conhecimentos racionais na relação entre as partes e o todo.²⁶ Ou seja, a cientificidade – a perfeição lógica do conhecimento – é importante ao conceito escolar da filosofia, pois para Kant, “a unidade sistemática é o que torna, antes de tudo, o conhecimento comum em ciência” (*KrV*, B 860).²⁷

Sobre a definição da filosofia de acordo com o significado cosmopolita, é importante notar que a filosofia tem por objetivo os fins essenciais da razão humana e, portanto, se diferencia da filosofia de acordo com o significado escolar. Essa diferenciação aponta, portanto, para um elemento reflexivo do filosofar. “Ao fim, sempre se pergunta, portanto, para que serve o filosofar e o fim último do mesmo, a própria filosofia considerada como ciência de acordo com o conceito escolar?” (*Log*, 09: 24).²⁸ Com essa pergunta, além de Kant indagar a necessidade de se ter duas definições de filosofia, ele ainda estabeleceu um duplo ponto de vista a partir do qual a filosofia deve ser considerada.

Na significação escolar da palavra, a filosofia visa somente à habilidade; em relação ao conceito cosmopolita, em contrapartida, ela visa à utilidade. Na primeira consideração, ela também é uma doutrina da habilidade; na segunda, ela é uma doutrina da sabedoria, a legisladora da razão e o filósofo não é visto como um artista da razão, mas como um legislador. (*Log*, 09: 24)²⁹

Com isso, Kant delimitava as áreas que se vinculavam a cada um dos pontos de vista. Assim, a filosofia entendida segundo o conceito escolar visa à habilidade e é por isso uma doutrina da habilidade. Já a

²⁶ “The school concept of philosophy begins with historical cognition as learning to be learned as it is given, seeing the need for structures to facilitate learning. But there is no philosophically objective standard for assessing these structures; no idea of what philosophy should be as a possible science; not even any way to recognize the extent to which an attempt counts as being an approach to it” (Manchester, 2008, p. 137).

²⁷ Veja-se também o comentário acrescentado em forma de nota de rodapé em Barata-Moura (2007, p. 73).

²⁸ “Man fragt doch immer am Ende, wozu dient das Philosophiren und der Endzweck desselben die Philosophie selbst als Wissenschaft nach dem Schulbegriffe betrachtet?”.

²⁹ “In dieser scholastischen Bedeutung des Worts geht Philosophie nur auf Geschicklichkeit; in Beziehung auf den Weltbegriff dagegen auf die Nützlichkeit. In der erstern Rücksicht ist sie also eine Lehre der Geschicklichkeit; in der letztern, eine Lehre der Weisheit die Gesetzgeberin der Vernunft und der Philosoph in so fern nicht Vernunftkünstler, sondern Gesetzgeber”.

filosofia entendida segundo o conceito cosmopolita visa à utilidade e é por isso uma doutrina da sabedoria. Como doutrina da sabedoria, a filosofia é a legisladora da razão e o filósofo é o seu legislador. Desse modo, o filósofo – conhecedor da sabedoria – é aquele que está incessantemente interessado nos fins essenciais da razão humana. Enquanto que o artista da razão,³⁰ somente para diferenciá-lo do filósofo, é aquele que se interessa por toda e qualquer espécie de fins.

Curiosamente, Kant fez uma advertência acerca do *status* de sua concepção de filósofo ao afirmar que o “filósofo é um nome elevado e chama-se o *conhecedor da sabedoria*, do qual ninguém pode propriamente usurpar” (AA 28: VIII, II, I, 534).³¹ Com isso, Kant não estava afirmando que o filósofo fosse uma pessoa inexistente. É bem provável que com isso ele quisesse dizer que ninguém pode atribuir a si próprio o nome de filósofo, quando, na verdade, não se é nada mais do que um mero artista da razão. Sim, o filósofo é de alguma forma um ideal. Do mesmo modo, a filosofia também permanece nesse mesmo *status* de ideal, pois como ele a definiu nas suas lições sobre *Metafísica* anotadas por Pölitz, “a filosofia é a ideia de uma sabedoria perfeita que me mostra os fins últimos da razão humana” (AA 28: II, I, 533).³²

A questão central aqui é que Kant definiu o filósofo como alguém fundamentalmente interessado nos fins essenciais da razão humana e que por isso ele é um “mestre no ideal” (*KrV*, B 867). Pode-se inclusive dizer que o filósofo é um “líder da razão”³³ e nessa condição ele deve direcionar a humanidade para os fins essenciais da razão.

Para Kant, o filósofo realiza no mais alto grau a vocação prática do homem que o leva a destinar-se à tendência para o sumo bem. O filósofo vive, portanto, na órbita da sabedoria. Não apenas como aquele que a procura para contemplá-la e banhar-se na sua luz, isto é, como aquele que, no fundo, anseia essencialmente contemplar-se e para tal intenta conseguir para si uma imagem que honestamente lhe permita esse “sumo gozo”, mas de uma forma que se estende muito para além destes objetivos. O filósofo tem de veicular a própria sabedoria: “o filósofo prático, o

³⁰ “Der Vernunftkünstler oder, wie Sokrates ihn nennt, der Philodox, strebt bloß nach speculativem Wissen, ohne darauf zu sehen, wie viel das Wissen zum letzten Zwecke der menschlichen Vernunft beitrage; er giebt Regeln für den Gebrauch der Vernunft zu allerlei beliebigen Zwecken. Der praktische Philosoph, der Lehrer der Weisheit durch Lehre und Beispiel, ist der eigentliche Philosoph. Denn Philosophie ist die Idee einer vollkommenen Weisheit, die uns die letzten Zwecke der menschlichen Vernunft zeigt” (*Log*, 09: 24).

³¹ “Philosoph ist ein hoher Name, und heißt *Kenner der Weisheit*, dessen sich eigentlich Keiner anmaßen kann”.

³² “Philosophie ist die Idee einer vollkommenen Weisheit, die mir die letzten Zwecke der menschlichen Vernunft zeigt”.

³³ Cf. Manchester (2003, p. 205).

mestre da sabedoria através da doutrina e do exemplo, é o filósofo, propriamente dito”. (*Log*, 09: 24)³⁴

De certo modo, necessita-se diferenciar a concepção kantiana de filósofo da concepção estoica de sábio, ou mesmo, da concepção antiga de filósofo, como aludido por J. Barata-Moura na passagem acima. O filósofo, no sentido kantiano do termo, não visa habitar a cidade universal ideal – a *cosmopolis* – como o sábio estoico, mas vive no mundo entre os homens, porque ele mesmo também é um homem. O filósofo também não vive isolado do mundo, como se fosse alguém que conseguiu transcender da realidade terrena através de exercícios espirituais de ascese. O filósofo também não pode possuir nenhum tipo de interesse egoísta, já que ele é o conhecedor da sabedoria, como se ambicionasse fundamentalmente em ver-se como um ser digno de tal “sumo gozo”. O filósofo, em contrapartida e de acordo com a definição kantiana do termo, é alguém eminentemente interessado com as coisas mundanas, com aquilo que está ao seu redor. O filósofo é alguém que se preocupa em compreender o sentido das coisas, para quê (*wozu*) elas servem, como (*wie*) se pode potencializá-las, enfim, ele é alguém eminentemente interessado com o que essencialmente interessa a todos.

Pode-se mencionar também aqui, a figura do homem esclarecido como um resultado direto da filosofia em significação cosmopolita. Na oitava proposição do texto *Ideia de uma história universal em perspectiva cosmopolita*, Kant apresentou a figura do homem esclarecido como sendo certo líder e por que não chamá-lo também de cidadão esclarecido, já que ele, na condição de um bom cidadão – que compreende perfeitamente o bem, que pode inclusive influenciar os princípios de governo dos atuais governantes e mesmo chegar a ocupar o trono – age de modo participativo na política porque sabe quais são os fins essenciais da razão humana, e, além do mais, por que pensa de modo cosmopolita. “Esse esclarecimento, e, portanto, também com ele certa participação cordial no bem que o homem esclarecido não pode evitar aceitar, no bem que ele compreende perfeitamente, deve gradualmente subir aos tronos e mesmo ter influência nos seus princípios de governo” (*Idee*, 08: 28).

Há, porém, ainda um *conceito mundano* (*conceptus cosmicus*) que serviu de base para essa designação, especialmente quando se o personificava, por assim dizer, e o representava no ideal de *filósofo* como um arquétipo. Com essa intenção, a filosofia é a ciência da relação de todo o conhecimento aos fins essenciais da razão humana (*teleologia rationis humanae*) e o filósofo não é um artista da razão, mas o legislador da razão humana.

³⁴ Barata-Moura (2007, p. 148). “Der praktische Philosoph, der Lehrer der Weisheit durch Lehre und Beispiel, ist der eigentliche Philosoph”.

Nesse sentido, seria orgulhoso demais chamar-se a si próprio de um filósofo e usurpar ser igualado ao arquétipo que se encontra apenas na ideia. (*KrV*, B 866-867)

Nesse parágrafo citado e nos dois parágrafos que o seguem na *Crítica da razão pura*, Kant introduziu um novo conceito de filosofia, a saber, o conceito cosmopolita de filosofia. De acordo com essa nova definição, a filosofia está além do estrito âmbito da razão pura por abrangê-la, e, assim, envolve um contexto mais amplo, pois ela se refere “ao que necessariamente interessa a todos” (*KrV*, 543 nota, B 868 nota). Tal conceito possui um significado prático, assim como também teórico: o seu modelo é o ideal do filósofo como legislador da razão humana e, nesse sentido, a filosofia se configura como um modo de vida que “relaciona tudo com a sabedoria, mas pelo caminho da ciência” (*KrV*, B 878). A perfeição lógica é uma meta, mesmo que essencial, porém, accidental, e não pode ser confundida com o objetivo final: o destino total do homem (cf. *KrV*, B 868). Nesse ponto, portanto, é que reside o primado da moral sobre a natureza: o homem é o arquiteto que pode construir uma casa para a sua própria existência e nela viver bem.

Referências

- BARATA-MOURA, José. *Kant e o conceito de filosofia*. Lisboa: Centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.
- CHENEVAL, Francis. *Philosophie in weltbürgerlicher Bedeutung: Über die Entstehung und die philosophischen Grundlagen des supranationalen und kosmopolitischen Denkens der Moderne*. Basel: Schwabe, 2002.
- DOS SANTOS, Leonel Ribeiro. *A razão sensível: estudos kantianos*. Lisboa: Edições Colibri, 1994a.
- DOS SANTOS, Leonel Ribeiro. *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenian, 1994b.
- HENRICH, Dieter. “Zu Kants Begriff der Philosophie. Eine Edition und eine Fragestellung”. In: F. Kaulbach, J. Ritter (Hg.), *Kritik und Metaphysik. Studien*. Heinz Heimsoeth zum achzigsten Geburtstag. p. 40-59. Berlin: Walter de Gruyter, 1966.
- HÖFFE, Otfried. “Architektonik und Geschichte der reinen Vernunft”. In: G. Mohr, M. Willaschek (Hg.), *Immanuel Kant. Kritik der reinen Vernunft*. Berlin: Akademie Verlag, 1998.
- HÖFFE, Otfried. “Kants universaler Kosmopolitismus”, *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*, 55.2 (2007): 179-191.
- HÖFFE, Otfried. *Kants Kritik der reinen Vernunft: Die Grundlegung der modernen Philosophie*. München: C. H. Beck, 2004.

- HOHEISEL, Karl. "Immanuel Kant und die Konzeption der Geographie am Ende des 18. Jahrhunderts". In: M. Büttner (Hrsg.), *Wandlungen im geographischen Denken von Aristoteles bis Kant*. Dargestellt an ausgewählten Beispielen. p. 263-276. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1979.
- KANT, Immanuel. *Kants gesammelte Schriften*. Berlin: Herausgegeben von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften, beziehungsweise der Deutschen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Walter de Gruyter, seit 1902.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 52001.
- KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Trad. por Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. por Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Trad. por Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.
- KUEHN, Manfred. *Kant: a biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MANCHESTER, Paula. "Kant's conception of architectonic in its historical context", *Journal of the History of Philosophy*, 41.2 (2003): 187-207.
- MANCHESTER, Paula. "Kant's conception of architectonic in its philosophical context", *Kant-Studien*, 99 (2008): 133-151.
- MANTHEY, Jürgen. *Königsberg. Geschichte einer Weltbürgerrepublik*. München: Carl Hanser Verlag, 2005.
- MARTY, François. *L'homme, habitant du monde. À l'horizon de la pensée critique de Kant*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2004.
- MAY, J. A. *Kant's concept of geography and its relation to recent geographical thought*. Toronto: University of Toronto Press, 1970.
- MOHR, Georg; WILLASCHEK, Marcus (Hg.). *Immanuel Kant. Kritik der reinen Vernunft*. Berlin: Akademie Verlag, 1998.
- MUNZEL, G. Felicitas. *Kant's conception of moral character: the "critical" link of morality, anthropology, and reflective judgment*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- ROSSI, Philip J. *The social authority of reason: Kant's Critique, radical evil, and the destiny of humankind*. Albany: State University of New York Press, 2005.
- WILSON, Holly L. *Kant's pragmatic anthropology: its origin, meaning, and critical significance*. Albany: State University of New York, 2006.
- YOVEL, Yirmiahu. *Kant and the philosophy of history*. Princeton: Princeton University Press, 1980.

ZANELLA, Diego Carlos. *O cosmopolitismo kantiano: do melhoramento dos costumes humanos à instituição da paz*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.

Resumo: O presente texto visa explicitar o significado cosmopolita da filosofia de Immanuel Kant. Essa explanação passará pelas definições de ‘filosofia’, ‘filósofo’, ‘ensino’ e ‘filosofar’. Procurará mostrar que a própria constituição do conceito de filosofia ainda preserva a sua raiz grega de ‘amor à sabedoria’; que é necessário cultivar esse ‘amor à sabedoria’ para, a partir daí, aprender a raciocinar; que o filosofar possui um direcionamento prático que visa o esclarecimento, isto é, a emancipação da tutela alheia.

Palavras-chave: filosofia, cosmopolitismo, Kant

Abstract: This paper aims to clarify the cosmopolitan meaning of Immanuel Kant’s philosophy. This explanation will consider the definitions of ‘philosophy’, ‘philosopher’, ‘teaching’ and ‘philosophize’. It will show that the proper constitution of the concept of philosophy still preserves its Greek root as ‘love of wisdom’; that it is necessary to cultivate this ‘love of wisdom’ to learning how to reason; that philosophizing has a practical direction to the enlightenment, that is, the emancipation from the tutelage of others.

Keywords: philosophy, cosmopolitanism, Kant

Recebido em 18/10/2014; aprovado em 20/02/2015.